

Abandonado à Porta

As Canções: Composições do Rei Davi—Parte 12

Salmo 69

Introdução

O expositor britânico John Phillips escreveu: “Nos Evangelhos, temos os fatos sobre Cristo em Seus sofrimentos; mas no Salmo 69, temos os sentimentos de Cristo em Seus sofrimentos—e que sentimentos foram esses!”¹

O Salmo 69 é o que os eruditos bíblicos classificam como um “Salmo Messiânico,” que é um tipo de Salmo que Davi escreveu sobre si mesmo, mas que, claramente sob a influência do Espírito Santo, acabou falando do seu grande Filho—o vindouro Filho de Davi, o Messias. Salmos Messiânicos são Salmos que Davi escreveu e que são cumpridos na vida de nosso Senhor.

Quando estudamos Salmos Messiânicos, precisamos manter algumas coisas em mente. Primeiro, devemos nos lembrar da própria situação histórica de Davi; em outras palavras, o que isso significou para Davi. Segundo, lembre-se que Davi escreve sobre a pessoa e vida de Jesus Cristo, o Messias. Nesse caso, veremos coisas maravilhosas no Salmo que não se aplicam a Davi, mas ao Filho de Davi, Jesus Cristo. Por fim, precisamos manter em mente o que este Salmo diz sobre nossas próprias experiências, problemas, necessidades e desejos.

Agora, este Salmo Messiânico foca especificamente no sofrimento, morte e abandono do Filho de Davi, o nosso Salvador. Enquanto os Evangelhos nos contam os fatos em torno do sofrimento do Senhor, o Salmo 69 nos revela os sentimentos de Jesus em meio ao sofrimento.

Deixe-me rapidamente destacar alguns versos no Salmo 69 que nos remetem ao Senhor Jesus.

O verso 8 diz: *Tornei-me estranho a meus irmãos e desconhecido aos filhos de minha mãe.* Essa é uma referência clara ao fato de os próprios meios-irmãos e meias-irmãs de Jesus—6 ao todo—não serem que Ele era o Messias; ao invés disso, eles se ofenderam com Suas reivindicações messiânicas. Lemos em Marcos 3.21: *E, quando os parentes de Jesus ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si.* Ou seja, Seus irmãos atrapalham Seu ministério e até se desculpam ao povo! “Ele está com problemas mentais!”

Agora, o Salmo 69.9 nos fornece mais um vislumbre e profecia acerca do Messias: *Pois o zelo da tua casa me consumiu, e as injúrias dos que te ultrajam caem sobre mim.* Esse sentimento de preocupação profunda e revolta em torno da Casa de Deus se concretizou no evento registrado em João 2. Jesus desce com Sua família e discípulos

para Jerusalém a fim de participar da festa da Páscoa no mês de abril. Quando chega ao templo em Jerusalém, Jesus se depara com o seguinte, conforme João 2.14: ***E encontrou no templo os que vendiam bois, ovelhas e pombas e também os cambistas assentados.*** De forma resumida, os saduceus haviam transformado o templo numa máquina de dinheiro, cobrando um valor de entrada no templo, vendendo animais para sacrifício aos adoradores a valores exorbitantes e ainda cobrando uma taxa de câmbio—troca de moeda. As pessoas vinham para Jerusalém com dinheiro romano ou egípcio, o qual era rejeitado no templo. Desta feita, os cambistas trocavam o dinheiro do povo pelo shekel sagrado, a fim de que os peregrinos pudessem comprar os animais de sacrifício. Obviamente, o câmbio enriquecia cambistas e saduceus no processo.

Ao encontrar esse cenário, João continua dizendo nos versos 15–17 que Jesus faz o seguinte:

tendo feito um azorrague de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas e disse aos que vendiam as pombas: Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio.

E aqui está o cumprimento das palavras do Salmo 69.9:

Lembraram-se os seus discípulos de que está escrito: O zelo da tua casa me consumirá.

Aqui está Jesus, dentro do templo, chamando-o de ***casa de meu Pai***. E o que Ele faz? Ele limpa a casa, purificando-a de toda corrupção. Com esse ato, Jesus declara posse e autoridade sobre o templo, que é o mesmo que declarar que Ele é o Messias.

Agora, os sentimentos de Jesus em torno da rejeição por parte de Seus irmãos e em torno da

corrupção no templo ficam evidentes no Salmo 69. Na verdade, trata-se de sentimentos que revelam a profunda angústia sentida pelo nosso Senhor e que se assemelham à angústia que Ele sentiu no Jardim do Getsêmani. Lemos no Salmo 69.1, por exemplo: ***Salva-me, ó Deus, porque as águas me sobem até à alma.***

No Salmo 69.4, Davi nos informa que a agonia de Jesus inclui o fato de Ele ser abandonado, sendo odiado sem causa justa. Veja o verso 4: ***São mais que os cabelos de minha cabeça os que, sem razão, me odeiam; são poderosos os meus destruidores, os que com falsos motivos são meus inimigos.***

O que vemos nesse verso é a agonia de Jesus, o qual entende bem o preço que está prestes a pagar e a agonia de Sua separação vindoura de Seu Pai. Veja bem: Ele está profundamente ferido como um ser humano por ser odiado sem causa. Ele sente a injustiça dos eventos que se desenvolvem e, sendo Deus e homem, Jesus agoniza por causa de Seu abandono.

No verso 11, Davi escreve: ***Pus um pano de saco por veste e me tornei objeto de escárnio para eles.*** O pano de saco é uma manifestação de lamento e angústia por ser escarnecido, zombado, insultado e ridicularizado pelos homens.

Veja, agora, Salmo 69.12: ***Tagarelam sobre mim os que à porta se assentam.*** Em outras palavras, ele é ridicularizado e zombado por aqueles em posição de liderança. A ***porta*** se refere aos indivíduos de Israel que ocupavam posição de autoridade; em Israel, a autoridade mais elevada residia no Sinédrio e o sumo sacerdote executava o veredito em relação a questões religiosas. A ***porta*** era o local onde justiça e verdade deveriam ser defendidas; mas, no caso do nosso Senhor, a ***porta*** o abandonou das formas mais terríveis que podemos imaginar. Um dos motivos óbvios para isso foi que Jesus desmascarou a extorsão dos saduceus e do sumo sacerdote Anás, os quais

arrancavam indevidamente rios de dinheiro dos pobres judeus que iam ao templo adorar. Ao chamar esse sistema corrupto de “covil de salteadores,” Jesus não fez novas amizades.

E Ele sabia muito bem disso; tanto o é que Ele dizia aos Seus discípulos *que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia* (Mateus 16.21). Ou seja, Ele informou aos discípulos que, em breve, compareceria diante da Porta—o Supremo Tribunal de Israel—e Ele já sabia perfeitamente que o veredito seria a pena de morte.

Em meio a todo o caos que se desenrola, o Supremo Tribunal de Israel, do qual os israelitas tanto se orgulhavam, violou várias leis a fim de pronunciar o veredito. E, quando analisamos os acontecimentos mais de perto, entendemos ainda mais a agonia de Cristo—o Inocente—a respeito do qual Davi escreve no Salmo 69.7: *Pois tenho suportado afrontas por amor de ti, e o rosto se me encobre de vexame*. No processo de pronunciar o veredito, o Sinédrio viola sua própria lei de várias formas. Deixe-me mencioná-las rapidamente para você.

1. Primeiramente, realizar um julgamento secretamente à noite era contra a lei judaica.

Esse é exatamente o motivo por que Jesus aponta para Anás ao ser interrogado no meio da noite e lhe diz em João 18.20: *Eu tenho falado francamente ao mundo... nada disse em oculto*. Em outras palavras, por que vocês me interrogam em secreto? Vamos fazer isto de forma pública.

Conforme lemos em Mateus 26–27, Jesus é conduzido da casa de Anás até Caifás, onde o Sinédrio se reuniu secretamente pouco depois da meia-noite. O único que não vai é Anás, que acabou

de ser repreendido pelo Senhor. Todos os demais 70 estão ali.

Então, o cenário é o seguinte: membros do Supremo Tribunal chegam sob a luz de tochas no meio da noite à casa de Caifás, o sumo sacerdote.

2. Segundo, outra lei que o Sinédrio violou foi a seguinte: a lei jamais exigia que o acusado se pronunciasse durante o julgamento.

Os judeus se orgulhavam de seus advogados de defesa e dos direitos cedidos aos réus; eles jamais eram forçados a falar, mas tinham o direito de ser defendidos. O interessante é que Jesus não forneceu defesa alguma, mas ficou ali em silêncio.

Mateus destaca a violação da lei nesse aspecto pelo próprio sumo sacerdote em Mateus 26.62–63: *...levantando-se o sumo sacerdote, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? Jesus, porém, guardou silêncio*. Esse não é apenas o silêncio do Cordeiro que não abre a boca em defesa (conforme Isaías profetizou), mas é também o silêncio da integridade com o qual Jesus deixa bem claro a esses homens que eles estão violando a lei com esse julgamento ilegítimo.

Você já foi ofendido e acusado falsamente alguma vez? O desejo de se defender ferveu em sua pele, não foi? Jesus tem esse direito, mas está disposto a ser prejudicado e permanece em silêncio. E como Ele se sentiu? Ele ora desesperadamente ao Pai no Salmo 69.17–19: *...estou atribulado... resgata-me por causa dos meus inimigos. Tu conheces a minha afronta, a minha vergonha e o meu vexame; todos os meus adversários estão à tua vista*.

Foi assim que Ele se sentiu!

Agora, o Sinédrio está desesperado em busca de testemunhas contra Jesus. O desejo é terminar logo esse julgamento antes que o nascer do sol revele

suas obras da noite. Então, eles violam mais uma lei.

3. A terceira lei que eles violaram foi a seguinte: a lei determinava que duas testemunhas tinham que concordar perfeitamente em seu testemunho.

Na lei judaica, não havia promotoria, apenas testemunhas; e o Sinédrio servia de defesa, garantindo que as testemunhas falavam a verdade. Uma das coisas que o Sinédrio deveria fazer era entrevistar as testemunhas de antemão para assegurar a exatidão dos testemunhos.

Mas, o cenário neste julgamento é bem diferente. Lemos em Mateus 26.59: *Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte.*

Você consegue imaginar isso? “Ei, estamos procurando alguém que mentirá sobre este homem para que possamos condená-lo à morte.” O elemento quase cômico nisso tudo é que eles não conseguem encontrar nem mesmo duas pessoas que contarão a mesma mentira.

Conforme Marcos 14.56, *...muitos testemunhavam falsamente contra Jesus, mas os depoimentos não eram coerentes.* A verdade é: onde se pode encontrar testemunho de confiança à meia-noite?!

4. Outra lei é violada: quarto, o Sinédrio não podia exigir que o réu fornecesse provas que o incriminariam.

Até mesmo em nossa sociedade brasileira, o princípio constitucional da presunção da inocência exige o réu de fornecer evidência que o incrimine. Semelhantemente, a lei judaica dava a Jesus o direito de permanecer em silêncio.

Contudo, é neste momento que Caifás faz algo incomum; essa é a sua última chance de condenar Jesus antes do amanhecer. Mateus 26.63 diz: *E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus.* O que Caifás faz aqui é colocar Jesus sob juramento, deixando de lado o processo devido e exigindo que Jesus se incrimine a si mesmo.

Agora, Jesus poderia ter permanecido em silêncio—a exigência era ilegal. Mas é exatamente aqui que Jesus fala.

Veja bem: assim como Ele ajudou os soldados no Getsêmani a prendê-LO, Jesus também ajuda o Sinédrio a condená-LO. Então, Ele diz no verso 64: *Tu o disseste [que Jesus era o Cristo]; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu.*

Em outras palavras, Jesus diz: “Eu não somente sou o Filho de Deus, conforme você mesmo afirmou—o Messias ungido—mas sou o cumprimento de cada Salmo Messiânico nas Escrituras hebraicas; e, um dia, também serei o cumprimento da visão do profeta Daniel sobre um Príncipe de Deus que descerá a Terra para reinar. Voltarei novamente e julgarei o mundo como o Deus em carne.”

Sabe o que Jesus faz aqui quando finalmente abre a boca? Ele lhes fornece toda a informação necessária que precisavam para condená-LO por blasfêmia—por alegar ser Deus em carne.

Meu querido, à meia-noite, o drama de um tribunal ilegal revela o maravilhoso e implacável amor e propósito de Cristo em cumprir o plano de nosso Deus Triúno de descer a Terra e carregar nossos pecados em Seu corpo, sobre um madeiro.

5. Existe, ainda, uma quinta lei que o Sinédrio viola, e é a seguinte: a pena de morte deveria ser pronunciada apenas após o tribunal passar um dia em jejum.

Registros judaicos revelam que nenhum dos 71 anciãos do Sinédrio comeriam ou bebiam nessa ocasião. Isso simbolizava que o Supremo Tribunal agonizava diante do futuro de um homem condenado à morte.

Entretanto, para este Sinédrio, o veredito é imediato. O sumo sacerdote pede uma votação e pergunta ao tribunal no verso 66: *Que vos parece? Responderam eles: É réu de morte.* Nenhum dia para deliberação, nenhum jejum e nenhuma oração por sabedoria.

Não dessa vez.

Veja o que acontece ao invés disso nos versos 67–68: *Então, uns cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam, dizendo: Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu!* Marcos ainda nos diz que eles cobriram Seus olhos e O esmurravam (Marcos 14.65).

Meu amigo, existem certas cenas que nos deixam injuriados e furiosos:

- A notícia ou vídeo de alguém abusando de sua autoridade;
- Um policial surrando um cidadão indefeso;
- Um tribunal negando um testemunho por questões burocráticas;
- Alguém sofrendo na prisão porque autoridades esconderam evidência que o libertaria;
- Ou um júri ou juiz que foi subornado a fazer a coisa errada.

Você consegue imaginar o Supremo Tribunal condenar um criminoso à morte e depois, ali mesmo, descerem de seus assentos e vendar seus olhos, cuspirem em seu rosto, zombarem dele e o esmurrares dentro do tribunal?

A verdade é que o Supremo Tribunal de Israel se transformou, aqui nessa ocasião, numa quadrilha de 71 homens—cuspiendo, batendo, xingando e zombando.

Quem foram os verdadeiros blasfemos nesse dia? Quem foram os verdadeiros culpados diante de Deus? O Sinédrio e a nação que ele representava.

Em meio a todo esse tumulto, o que será que passa pela cabeça de Jesus? No Salmo 69.20, Davi revela os sentimentos do Senhor:

O opróbrio partiu-me o coração, e desfaleci; esperei por piedade, mas debalde; por consoladores, e não os achei.

Imagine:

- Aquele, diante de cujo trono hostes celestiais cantaram: “Santo! Santo! Santo!”
- Aquele sobre o qual anjos, enchendo os céus, cantaram: *É que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, um Salvador, que é Cristo, o Senhor;*

esse mesmo é agora xingado, difamado, zombado, surrado e abandonado pela Porta—os líderes de Sua nação amada.

Davi nos conduz do Getsêmani e das cenas de um julgamento injusto até o próprio monte Calvário. Ele escreve no Salmo 69.21: *Por alimento me deram fel e na minha sede me deram a beber vinagre.* Essas são palavras estranhas para os dias de Davi, mas não para o cenário da crucificação.

Crucificação não era praticada por Israel, mas pelas nações pagãs. O método de execução em Israel—apedrejamento—era rápido, levando a inconsciência quase que imediatamente e, logo em seguida, à morte. A crucificação, por outro lado, era o instrumento de longa tortura no mundo romano.

Mulheres tementes a Deus frequentemente visitavam esse local de execução. Sabemos pela história que os romanos crucificaram mais de mil homens no ano em que Jesus foi pendurado à cruz. E essas mulheres ofereciam às vítimas dessa morte torturante e lenta uma mistura com vinho que servia de anestésico; é essa bebida anestésica que Jesus recusa beber. Ele recusou bebê-la e inebriar Sua mente. Na verdade, Ele tinha várias coisas importantíssimas a dizer, uma das mais importantes sendo o perdão eterno concedido ao ladrão pendurado na cruz ao Seu lado.

Mas, conforme João registra em João 19.29, Jesus finalmente sentiu sede: ***Estava ali um vaso cheio de vinagre. Embeberam de vinagre uma esponja e, fixando-a num caniço de hissopo, lha chegaram à boca.***

Foi uma ironia incrível e, de forma alguma, coincidência que, segundo a ordem no Antigo Testamento, o hissopo foi mergulhado no sangue de um cordeiro sacrificial e passado nos umbrais das portas de cada escravo israelita no Egito na noite da Páscoa. O hissopo estava ligado à purificação cerimonial de animais que seriam sacrificados. E é esse mesmo hissopo que é usado para dar de beber ao Cordeiro de Deus—aquele último Cordeiro Pascal que libertaria cada um da escravidão do pecado por Seu sacrifício ao nosso favor.

Agora, não é incrível que o Filho de Deus, em profunda humanidade, clama: ***Tenho sede!*** Imagine só: Jesus começou Seu ministério público em fome no deserto, e agora conclui Seu ministério em sede numa cruz.²

Ele começou Seu ministério com fome e o termina com sede! E Ele fez isso para que eu e você, famintos e sedentos por perdão, consciência purificada, esperança eterna e pela justiça de Cristo, sejamos eternamente saciados em Cristo.

Pouco tempo antes, João escreveu que Jesus dissera: ***aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna*** (João 4.14).

Eu acompanhei esse pensamento profético desde o Salmo 69 pelos Evangelhos, e achei interessante que, porque Jesus experimentou fome e sede, cada crente um dia poderá desfrutar de um lugar no qual ***Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum*** (Apocalipse 7.16).

Você já parou para pensar que o último convite que o Senhor estende à humanidade está ligado a sede? Lemos em Apocalipse 22.17: ***Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.*** E isso só é uma realidade porque Jesus Cristo se dispôs a sentir fome e sede por nós.

Portanto:

- Jesus é julgado diante da Porta para que eu e você jamais sejamos julgados no tribunal celestial.
- Jesus é condenado a morrer pela injustiça do homem para que eu e você jamais sejamos condenados à morte pela justiça celestial, diante da qual ninguém jamais teria chance.
- E Jesus experimentou a ira de homens religiosos para que todo aquele que nEle crê jamais experimente a ira de um Deus justo.

E o Salmo 69 termina descrevendo o futuro daquele que crê em Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus:

Louvem-no os céus e a terra, os mares e tudo quanto neles se move. Porque Deus salvará Sião e edificará as cidades de Judá, e ali habitarão e não de possuí-la. Também a descendência dos seus servos a herdará, e os que lhe amam o nome nela habitarão (Salmo 69.34–36).

Existe um hino que resume bem este Salmo Messiânico:

“Homem de Dores,” que nome para o Filho de Deus que veio;

*Resgatar pecadores perdidos!
Aleluia! Que Salvador!*

*Levantado foi para morrer,
“Está consumado” foi Seu clamor;
Agora no céu, exaltado nas alturas,
Aleluia! Que Salvador!*

*Quando Ele vier, nosso Rei glorioso,
E consigo levar ao lar Seus redimidos;
Então, cantarei nova esta canção:
Aleluia! Que Salvador!*³

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 13/12/2015

© Copyright 2015 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

¹ John Phillips, *Exploring the Psalms: Volume 1* (Loizeaux Brothers, 1988), p. 554.

² *Ibid.*, p. 566.

³ “Hallelujah, What a Savior,” Phillip P. Bliss.